

Refletindo sobre o ensino e aprendizagem nos Abrigos Institucionais de Pelotas

**PAULA LIMA PACHECO¹; DIEGO SCHMITZ²; ROSEMAR GOMES LEMOS³;
CAROLINE LEAL BONILHA⁴**

¹*Universidade Federal de Pelotas – paulalima.p10@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – ruasilva107@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – rosemar.lemos@ufpel.edu.br*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer um relato das experiências vividas como bolsista do projeto de extensão Grupo D.E.A. Design, Escola e Arte – Construindo Conhecimento e Fazendo Arte, nos anos de 2014 e 2015. O grupo é interdisciplinar, composto por duas professoras universitárias que são coordenadoras deste, sendo elas, Profª Me Caroline Bonilha atuando em Pelotas, Brasil e Profª Drª Rosemar Lemos atuando em Lisboa, Portugal além de, aproximadamente, doze graduandos pertencentes à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), oriundos dos cursos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado. O D.E.A. trabalha elaborando oficinas de arte em escolas públicas e abrigos institucionais¹ da cidade de Pelotas, estas oficinas trabalham questões de africanidades com base no cumprimento da Lei federal 11.645/2008², educação do sensível e educação ambiental.

Nesta pesquisa, destacaremos as oficinas realizadas junto aos abrigos institucionais da prefeitura de Pelotas, os cursos de formação dos quais participamos e atuação do projeto junto às graduações de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.

O objetivo do projeto é ajudar a comunidade escolar e os abrigos através de atividades que colaborem para seu crescimento cultural. No caso dos abrigos o D.E.A. auxilia no convívio, fazendo com que os moradores das casas reflitam através das oficinas e possam conviver melhor, resgatar sua identidade e possuir uma visão mais positiva do mundo.

Para nós da Licenciatura as oficinas são importantes, pois através delas conseguimos adquirir, desenvolver estratégias didáticas pensadas a partir da especificidade de cada grupo trabalhado, o que implicará em nosso cotidiano através do preparo de aulas no futuro.

2. METODOLOGIA

A organização das oficinas acontece através de reuniões semanais entre o grupo. Em 2013 criamos um projeto chamado “Diversão Com Pipoca – viajando pelo mundo e construindo histórias” no qual trabalhamos a partir da realização de oficinas de cinema. A partir dos filmes estabelecemos diálogos com os

¹ Os Abrigos Institucionais são casas destinadas a famílias e/ou indivíduos com vínculos familiares rompidos ou fragilizados, a fim de garantir proteção integral. O atendimento prestado deve ser personalizado e em pequenos grupos e favorecer o convívio familiar e comunitário, bem como a utilização e serviços disponíveis na comunidade local. (MDS, 2015).

² A LEI Nº 11.645/2008 incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, tornou-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (BRASIL, 2015)

participantes abordando temas como: formas de preconceito; etnias; questões raciais, identitárias, direitos humanos, fenômenos sociais no Brasil e no mundo, entre outros. Além disso, fazemos uso das Artes Visuais, aprofundando questões referentes à educação ambiental e ao cumprimento da Lei 11.645, construindo, com os alunos, novas formas de pensar e agir na sociedade.

A aproximação com o local a ser trabalhado é feita através das reuniões organizadas pelo grupo, onde este decide em qual local irá atuar, durante estes dois anos percebemos que o grupo já atuou em escolas públicas, desse modo, decidimos trabalhar, em 2015, somente com os abrigos institucionais de Pelotas. Para agendar os encontros com os abrigos a bolsista entra em contato com a coordenadora geral dos abrigos, fazendo uma reunião individual com ela, dizendo quais os abrigos que o grupo irá atuar durante o ano e ela faz um relato das necessidades de cada um. Via de regra, essas necessidades estão associadas à valorização da identidade, ativação de trabalhos em grupo, entre outros. Logo, estas informações são levadas ao grupo nas reuniões e assim é decidido o que iremos abordar em cada oficina. Temos que levar em conta a faixa etária de cada abrigo e o espaço oferecido pela estrutura física da casa. Pois cada abrigo possui características diferentes que precisam de atenção especial, em 2014 trabalhamos com quatro deles que foram: Meninos I e Meninas I, sendo que os dois possuem crianças entre sete e quatorze anos, Meninas II, contendo adolescentes entre quatorze e dezoito anos e o Abrigo de Idosos que possuem pessoas a partir de sessenta anos.

Em 2015, durante nossas reuniões decidimos trabalhar com as crianças e com os Idosos, inserindo a Aquarela a qual trata-se de uma casa criada este ano e que abriga os irmãos os quais antigamente ficavam separados por gênero. Depois de conversar com o grupo, nos dividimos e cada um elaborou pesquisas procurando autores e embasamento teórico para a preparação das oficinas. Depois analisamos em qual abrigo cada oficina se enquadraria melhor, criamos uma espécie de portfólio que contém um planejamento de todas as oficinas que estarão ocorrendo até dezembro de 2015.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2013 fomos convidados pela Profª Drª Rosemar Lemos para participar de uma formação por meio do projeto A Cor Da Cultura que trata-se de um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, elaborando produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas, valorizando a história deste segmento sob um ponto de vista afirmativo.

Durante o ano de 2014 foram realizadas em média uma oficina em cada abrigo durante o mês, sendo que trabalhamos com quatro abrigos durante o ano. Nas casas foram apresentados alguns filmes e realizadas várias atividades, entre elas; bolsas com caixa de leite nas Meninas II, brincos com garrafa pet nas Meninas I, desenho com tinta e brincadeiras de mímica nos Meninos I, além de atividades nos Idosos, levando desenhos com tinta.

Até junho de 2015 foi apresentado o filme “Shaun, O Carneiro”³ nos Abrigos Meninas I e Meninos I. Até o final de julho de 2015 faremos as atividades práticas que são: escultura com cores primárias e secundárias, utilizando massinha de modelar nos Meninos I e confecção de câmara fotográfica com caixa de sapato nas Meninas I. No abrigo Aquarela optamos por levar uma atividade prática, onde trabalhamos o imaginário, primeiramente nos apresentamos e eles

³ Sinópse disponíveis online em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-221093/>

apresentaram-se, logo, estendemos um papel pardo grande no chão da sala, à medida em que íamos contando a história do “O livro dos seres imáginários” de Jorge Luis Borges. As crianças desenhavam conforme imaginavam os animais que eram descritos nela. Eles foram muito receptivos com a atividade, surgiram desenhos muito expressivos e bem elaborados, bastante detalhistas. Além disso, foram respeitosos e carinhosos conosco, mais importante do que a própria atividade, parecia a atenção que estavamos dedicando à eles. Após a atividade ficamos em média 30 minutos conversando sobre a proposta e sobre o que gostavam de fazer. Uma das meninas trouxe uma pastinha com uma pequena produção de desenhos para nos mostrar. Desse modo, acredito que o mais importante nesses encontros é a sensibilidade, pois isso faz toda a diferença, a conversa, o contato, o ato de sentar e ouvi-los é muito significativo, tanto para eles e quanto para nós.

4. CONCLUSÕES

Saliento que este projeto ainda está em andamento e as oficinas serão executadas até dezembro de 2015. Até agora percebemos que, o mais relevante nesse processo é termos a oportunidade de um preparo adequado para nossa formação. Sendo assim, a extensão, a pesquisa, o convívio interdisciplinar e os desafios proporcionados com a vivência em outras realidades nos permitem desenvolver reflexões críticas que nos tornam profissionais mais conscientes e seres humanos mais sensíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A Cor da Cultura. Rio de Janeiro. Acessado em 09 jul. 2015. Online. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>;

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JUNIOR, João Francisco Duarte. Por que arte-educação? 15ª Edição. Papirus Editora. Coleção Ágere. São Paulo, 1991.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MDS.Gov.Br. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Serviço de Acolhimento Institucional. Brasil. Acessado em: 09 de jul. 2015. Online. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/pse-protectao-social-especial/servicos-de-alta-complexidade/servico-de-acolhimento-institucional>;

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Ó, Jorge Ramos. **Para uma crítica das artes da existência e da ideia de consciência na modernidade: a problematização foucaultiana.** In Paula Vicentini & Maria Helena Abrahão (Orgs.). *Sentidos, Potencialidades e usos da Auto(Biografia)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 19-48, 2010.

POURTOIS, J.; DESMET, H. **A Educação pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1999.

SCHMITZ, D. **Diferentes teorias e práticas pedagógicas de arte na construção da cidadania.** In: *Cadernos do LEPAARQ* Vol. XI | n°22 | 2014.

UFPel. **Grupo DEA** – Construindo Conhecimento e Fazendo Arte. Acessado em: 10 jul. 2015. Online. Disponível em: http://www.grupodea.org/revista/edicao_04/pagina_03.html;